RELATORIO

FIEL

DAS ATROCIDADES COMMETTIDAS

pela

FACÇAÕ SPOLIADORA DE 17 DE MAIO DE 1828

contra

FIEIS PORTUGUEZES.

Nova impressaõ augmentada, e com notas.

Quæquæ ipse miserrima vidi.
Virg.

Porto, 1828:
Na typ. de Viuva Alvarez Ribeiro & Filhos.
— COM LICENÇA. —

Tandem profugi noctis æternæ plagam.
Fugi em fim da regiaõ da Morte.
Hyp. in Senec.

Quando se contemplaõ as atrocidades commettidas pela facçaõ spoliadora que levantou a voz da tyrannia no dia 17 de Maio no campo de St.° Ovidio, o homem social aborrece o nome de homem, deseja viver solitario, e ambiciona a sórte dos selvagens, a quem sómente as leis naturaes unem e regem: ellas ao menos ensinaõ-lhes a poupar o sangue de seus similhantes, e a melhorar a sua condiçaõ; se hum soffre, e exprime a dôr com gritos ou com gestos, os outros chegaõ-se, valem-lhe como podem, fazem por desviar-lhe a causa do seu mal, e todos parecem enternecidos da má sorte que persegue aos seus companheiros. O homem social porém, quando sacode o jugo da lei, e que pertende desviar-se dos principios d'aquella justiça eterna, que ha, que mantem a sociedade, e que por huma specie de sopro Divino he infundida no seu coraçaõ, fica menos que selvagem; he monstro, he specie naõ creada, e o orgaõ destruidor das obras que sahem das maõs de Deos e dos homens. Contra taes monstros manda a justiça e a humanidade, e mandaõ todas as virtudes sociaes, que tudo se arme, por mostrar a razaõ e a experiencia que o cor-

po social se dissolve e s' anniquilla, se o mundo fica por algum tempo entregue ás suas paixões devoradoras.

A facçaõ tyrannica em seus actos, esquecendo-se acintemente de todos os principios de justiça, mostrou-se ser desta specie. Inclinando a fouce da morte (que horror!) para o seu Soberano, projectavaõ ceifar quantos encontrassem obedientes ao Governo, á Lei, e ás Instituições de nossos Maiores; Portugal, e em pouco tempo a Hespanha, deviaõ ficar só para elles; só elles deviaõ ter o direito de respirar: tendo Deos pela sua infinita misericordia permittido que vivessemos governados por hum Principe sabio, justo, e por isso admirado, tinhaõ assentado que tudo estava para elles perdido, se a Justiça imperasse: eis a razaõ por que projectáraõ exterminar tudo o que pudesse empecer seus damnados fins. Mudáraõ mesmo o sentido ás palavras; chamáraõ lealdade e justiça ao que entre os homens he rebelliaõ e crime; e calculáraõ que pondo tudo em desordem viria uma nova ordem, util sómente a elles, e favoravel ás suas paixões desoladoras, ainda que corresse todo o sangue dos vassallos fieis a Deos e á Lei.

D'entre muitos dos attentados que foraõ commettidos pela facçaõ Regicida, e que devem ser rereferidos na historia (*) da sua breve duraçaõ, eu vou notar aquelles que saõ relativos aos prezos da Relaçaõ em geral, e a alguns em particular; a sua veracidade he attestada por milhares de pessoas; e sobre tudo por todos os que soffrêraõ tanto despotismo e tanta arbitrariedade; sendo esquecidas e

---

(*) Ha de publicar-se brevemente, mas esperaremos que a pedreirada arvore primeiro em martyres da patria, em Catões, em Senecas, e em Titos, os pilhadores que nos roubáraõ.

....

calcadas sempre as Leis, que os nossos Reis nos deraõ para vivermos socegados e tranquillos. O ar tyrannico com que foraõ perpetrados tantos delictos, em taõ pequeno espaço, naõ tem exemplo igual na historia das atrocidades do genero humano.

Vendidos e animados pelo furor revolucionario e desorganizador, julgou a facçaõ, composta na maior parte d'atheos estupidos, que tudo lhe sahiria bem, se encerrassem em prizões a torto e a direito quantos lhes pudessem ser desfavoraveis com suas acções ou com seus juizos; os pensamentos mesmo chegáraõ a ser criminosos, e até por elles, segundo se infere d'algumas notas de culpas, foraõ privados da sua liberdade algumas pessoas de bem, sempre passivas quando se trata de cousas politicas. Foraõ principalmente as pessoas que podiaõ por suas palavras desenganar os incautos e os ignorantes, que elles mais tiveraõ em vista; entulháraõ com effeito as cadêas, e já eraõ tantos que até uma Authoridade solicitou a providencia de naõ poder ir ninguem para a prizaõ sem escolha prévia, mas sempre arbitraria; quasi todos os que entravaõ, ficavaõ na certeza de naõ sahir: por quanto nenhuma Authoridade ousava soltar qualquer, porque receava perder a opiniaõ; era forçozo ser tyranno; e na verdade todos o eraõ; porém mais tyranna que ninguem era a Junta, a quem o Senhor D. *Pedro*, que governa o Brazil, nunca vio, e a quem nunca passou procuraçaõ alguma para lhe advogarem seus direitos; o que faz crer que, se o Senhor D. *Pedro* os apanhasse, por certo os mandaria pelo menos enforcar em justa paga de seus serviços. (*) Esta Junta,

---

(*) Eu farei saber a estes Senhores por as suas proprias expressões o bem que querem ao Senhor D. *Pedro*. Ah tratantes! se o Senhor D. *Miguel* naõ existisse, o Senhor D. *Pedro* ainda seria para vós o *Iturbide* que ha pouco tinha a ilha das Cobras cheia de suspeitos, e que tyranno como seu

composta, á falta de homens, de tolos, ladrões, e ambiciosos, emittio a Portaria de 25 de Junho, pela qual manda que ninguem seja solto sem que se dê parte á mesma Junta, e tudo ficou certo de que ninguem sahiria da cadêa. Nem em Argel por certo se procede desta fórma; privar o homem prezo de recorrer ás Leis adoptadas, para por ellas ser livre ou castigado, he huma monstruosidade que parece naõ caber em peito humano.

Se os nossos Monarcas, que nos fizeraõ felizes com suas Leis, se levantassem de seus tumulos venerandos, e vissem tanta barbaridade, uma cabilda de taes legisladores fugiriaõ espavoridos á sua voz. = Deixai, diriaõ elles, deixai, Nossos povos,
= homens perversos; naõ derrameis seu sangue in-
= nocente; deixai-os viver livres, como Nós os fize-
= mos; respeitai as Nossas Leis, que fizeraõ outr'o-
= ra Portugal venturoso; ou tremei que Nós arme-
= mos os braços vingadores, para vos expellir da
= face da terra! = Ainda assim estou persuadido que taes tyrannos seriaõ surdos, porque a enormidade do crime em que entráraõ os havia fazer obstinados.

Prezas desta fórma muitas pessoas sem recurso, assentáraõ que podiaõ e deviaõ dar cabo dellas por um movimento popular, a que os nossos regeneradores politicos, *Jacobinos por juramento, e radicaes por dinheiro*, chamaõ *exercicio da liberdade*. Havia muitos dias que espalhavaõ com manha a noticia de que os prezos se queriaõ levantar contra a Junta, que o Carcereiro os protegia, e que os prezos de maior opiniaõ, nos salões de cima, eraõ causa desta speculaçaõ. Eu, attendendo á barbaridade

---

Tio mostrava sede de tigre até nos séus actos de Clemencia! Agora o nome do Senhor D. *Pedro* he o nome d' hum Rei pio, sabio, justo e generoso; mas quando o Senhor D. *Pedro* vos naõ fôr preciso, vós o arvorareis logo em tyranno!...

dos facciosos, que tinhaõ adoptado a tactica de *Marat* e *Robespierre*, monstros filhos da morte, conheci bem que o fim era sómente comprometter em uma desordem popular os homens de bem que estivessem na prizaõ. Tudo estava preparado, faltava só o momento favoravel a seus criminosos fins; elle chegou. Dous prezos no dia 12 de Junho de tarde em uma enxovia desavieraõ-se, por causa de uma mulher que estava fóra da grade gritando muito; immediatamente a sentinella faz geito de atirar, sonhando a rebelliaõ de que a tinhaõ prevenido; atira com effeito; logo a sentinella visinha acode, atira tambem; os prezos, desviando-se dos tiros, fazem bulha dentro da enxovia para se esconderem por os cantos della; julga-se a rebelliaõ em acto; acodem as patrulhas; tuda atira pelas grades; entra a guarda dentro da Relaçaõ; abrem-se os alçapões das enxovias; tudo faz fogo para baixo; acode a tropa dispersa pela cidade, e generaliza-se o fogo por todas as grades; tudo atira, e quem naõ atira naõ he patriota. Os prezos das enxovias (desgraçados!) cada vez, para se livrarem do fogo, se mexem mais, e fazem barulho; as guardas fazem entaõ descargas cerradas para dentro, e acodem logo com grandes quantidades de cal virgem; deitaõ-a para baixo, e continúa o fogo; os prezos fogem da cal e dos tiros; vaõ ás grades buscar ar para respirar, por isso que a cal os cega e os suffoca; mas saõ recebidos de fóra com vivo fogo; saõ novamente repellidos de dentro; e nisto se anda por mais de uma hora.

No entanto a gente da cidade fugia espavorida; cada um julgava que a carnagem anarquica tinha começado; e que a Lei marcial, que alguns do Governo tinhaõ lembrado, se havia posto em pratica: isto tinha bastante fundamento, porque logo por toda a parte foraõ acommettidas todas as casas Religiosas, onde os malvados encontráraõ uns a rogar a

Deôs por todos, outros fechados e assentados, mas todos quietos, e cada um esperando o terrivel momento em que seria sacrificado á ignorancia do povo e á maldade dos conjurados. Naquelle Convento estaõ os Frades armados, dizia um grupo de Voluntarios, *quasi todos embriagados*; n'aquelle, dizia outro, estaõ soldados para sahirem á primeira voz; *morra tudo e sejamos livres*! Na Relaçaõ o concurso era immenso; tudo fazia fogo, quer visse gente ás grades quer naõ; tudo atirava por feiçaõ e patriotismo; pela cidade cada um corria com as armas na maõ, ou faca, ou espingarda, ou espada; muitos perguntavaõ, que he isto!! mas todos diziaõ morraõ!!; uns das janellas já julgavaõ, porque estavaõ prevenidos, que os prezos hiaõ a entrar-lhes pela porta dentro; já estava um d'arma engatilhada; outro queria atirar a quem passasse, sem lhe importar quem seria; tudo estava espantado. Neste momento, na rua das Flores, hum Inglez clamava — «Sois cobardes, quereis perder a vossa liberdade...! A's armas, cobardes! ás armas!...» Reanimava-se assim o furor, e tudo caminhava para a Relaçaõ, aonde devia fazer-se o sacrificio, mas aonde os prezos inermes só tratavaõ de desviar-se do fogo e da cal, que lhes fazia o ar irrespiravel.

Foi o coraçaõ ferino de hum Magistrado e de hum Escrivaõ (*), cujos crimes tem ficado por muitas vezes impunidos, que salvou todos os desgraçados que estavaõ dentro da prizaõ; querendo elles sacrificallos a todos, pouparaõ-lhes as vidas. O apparato e estrondo com que pertendiaõ immolar tudo foi a causa da salvaçaõ dos prezos. Logo que

---

(*) A este homem, cujos roubos tem chegado a muita gente, cujas concussões saõ bem conhecidas, e cuja devassidaõ paternal offende a natureza e o decoro publico, foi delegado o poder de prender a quem quizesse, e de reformar á força de cadêa e de forca os que naõ fossem como elle.

chegárão, como para acudir, gritárão aos soldados, e povo embriagado — « Vaõ buscar artilheria, e ar-
» razem a prizaõ!! Acabe-se com isto por uma
» vez! morraõ os traidores que querem assassinar-
» nos! » Os que ouvírão corriaõ a buscar artilheria; os que naõ ouvíraõ chegavaõ-se para ouvir estes sustentaculos da anarquia, e todos assim parárão com o fogo e com a cal; os prezos ficáraõ na maior quietaçaõ; e como isto constou, nem o povo atirou mais, nem a artilheria se aproximou. Os chefes naõ fizeraõ a este tempo continuar o fogo, porque ainda tiveraõ receio de que o povo illudido conhecesse os seus damnados fins, e entrasse em suas barbaras intenções.

Aquelle Magistrado e seu Escrivaõ subíraõ entaõ á prizaõ de cima, onde estavaõ os que elles principalmente tinhaõ em vista, todos homens conhecidos por amigos do Soberano, acháraõ tudo quieto, pallido, e alguns supplicando a Deos a sua misericordia; insultáraõ á sua vontade; ninguem lhes respondeo senaõ com lagrimas, que foraõ correspondidas com ameaças de forca, de artilheria, e com os olhos arregalados, e scintillantes de raiva e furor. Neste momento um prezo, que sahíra para fechar uma porta de um corredor, entrava para o seu quarto; naõ querendo o Magistrado acabar sem dar na prizaõ de cima uma pequena prova da sua barbaridade, grita = Ponhaõ este homem em rigoroso segredo, e carreguem-o de ferros =: dito e feito; lançáraõ-lhe logo ferros ás maõs e pés, e metteraõ-o n' uma casa aonde estavaõ alguns cadaveres para lhe fazerem companhia; era a casa do deposito dos mortos. Era necessaria huma firmeza de espirito a toda a prova para resistir a taõ insolente e barbaro tratamento; a idéa porém das virtudes do Soberano, e do que elle fazia para libertar-nos, a todos dava resignaçaõ, e todos soffriaõ, naõ com paciencia, porque os crimes dos nossos inimigos naõ eraõ sim-

plices fraquezas perdoaveis, mas sim com coragem, e alma elevada e serena, que bem lhes annunciavaõ a enormidade de seus horrorosos delictos, e a justiça da nossa causa.

Como era dos prezos por opiniões politicas que queriaõ dar cabo, ainda que naõ fosse senaõ com desgostos, sempre com o pretexto de que com um castigo severo compromettiaõ muita gente, e mais solidavaõ assim a causa da rebelliaõ, escolhêraõ onze dos que mais odiosos lhes eraõ, e mudáraõ-os para o Castello da Foz; eraõ todos pessoas limpas, e a maior parte com consideraçaõ publica; era o actual Juiz de Fóra d'Aveiro; o Capitaõ Mór d'Abrantes; Fr. *Antonio Joaquim de Nossa Senhora dos Anjos*, Religioso Franciscano e Capellaõ das Freiras de Santa Clara do Porto; Fr. *Stanisláo da Im. Conceiçaõ*, Religioso Franciscano, e Fr. *Alexandre de N. S. da Boa Nova*, ambos de Guimarães; *José Maria de Vasconcellos Abreu e Lima*, Fidalgo da Casa de S. M., e rico proprietario; um Capitaõ de Milicias do regimento de Braga, homem grande proprietario; o Escrivaõ dos Almotacés do Porto; *Bento Manoel de Lima*, Procurador da Relaçaõ; *Joaõ Manoel Leite d' Almada*, Secretario do Governo do Minho; e *Bernardo Pereira da Fonseca Campeaõ*, Medico no Porto, e Lente de Medicina pratica na Real Escola de Cirurgia.

Foi dada a ordem para sermos todos postos em gargalheira, e conduzidos assim ao Castello da Foz como facinorosos; mas o Official da escolta teve a bondade de levar-nos soltos, ainda que fomos logo por elle prevenidos de que naõ deviamos fazer caso das pedradas que o povo nos atirasse, e de todos os outros insultos que nos fizessem. Era dia santo; seriaõ 3 horas da tarde; era a hora do vinho e do furor; o Escrivaõ fez constar que havia espectaculo, e que *o povo podia pôr em exercicio a sua liberdade;* foi

chamada a plebe por alguns revolucionarios, sempre capitaneados pelo tal Escrivaõ; ensináraõ-lhe o que devia fazer; naõ houve qualidade de convicio que naõ se chamasse; era a gentalha vil o instrumento de tudo, mas o Escrivaõ e seus agentes eraõ os que destribuiaõ o vinho, e propagavaõ o furor insultador. Chegados ao Castello fomos postos em calabouço frio, e de cheiro insupportavel; os piolhos e pulgas eraõ infinitos; naõ nos queixamos uns aos outros, por termos receio que o Governador do Castello ainda por isso augmentasse o nosso tormento; elle por muito estupido era fiel executor das atrocidades que lhe encommendavaõ, e mesmo naõ queria em nada desviar-se do caracter de regenerador pertencente ao conselho militar que preparou o dia 24 d' Agosto de 1820, dia em que muitos juráraõ com elle, ou *a morte da patria*, ou *a restituiçaõ dos direitos luzitanos perdidos*: Portugal estava velho na sua opiniaõ, era necessario fundillo de novo; mas como com os povos se naõ póde fazer a mesma operaçaõ que se faz com os metaes dos sinos, contentáraõ-se com fazer mudar as cousas de possuidor; e por este mecanismo veio o Castello da Foz a ter o destino de ser governado por este bom Governador, a quem estavamos entregues, e a quem seus pais tinhaõ destinado ao honroso officio de fazer chapeos.

O Commandante da guarda *(José Soares)*, condoído da nossa sorte, mostrou o seu resentimento nesta occasiaõ ao Governador; fomos mudados por isso para a prizaõ de cima; mas ficamos incommunicaveis, e sem podermos ter na prizaõ quem nos servisse nas nossas commodidades; nenhum de nós estava costumado a tanta dureza, mas era necessario soffrer. Nem agua nos era permittido mandar buscar, quando queriamos; se as noticias recebidas mostravaõ a vantagem do Exercito leal, o aperto era augmentado, e ninguem se aproximava para nós a soccorrer-nos; de sorte que nos tinhaõ costumado a conhecer os fe-

lizes successos do Exercito leal, pela aspereza com que nos tratavaõ, e ar odioso com que o Governador nos olhava por fóra das grades da prizaõ.

Assim estivemos oito ou nove dias, sem que se fizesse processo a ninguem; ao menos sem que ninguem fosse perguntado sobre a sua culpa, exceptuando um que era destinado a morrer desde o principio, só porque com a linguagem que Deos lhe deo, e com a maior moderaçaõ confundia os facciosos mais sofistas, chamando-lhes a attençaõ sobre as virtudes do Soberano, e sobre os testemunhos que os estrangeiros tinhaõ dellas petenteado em todo o tempo da sua demora pelos paizes do norte; sobre so seus inquestionaveis direitos ao Throno Luzitano, e sobre a maneira com que repartia a justiça; sobre o seu caracter verdadeiramente portuguez, e sobre a serenidade heroica com que se mostrava capaz de premiar a virtude, e reprimir com firmeza *o crime horrendo de rebelliaõ de vassallos ingratos e vendidos por premio vil*, *naõ consentindo assim que sua patria fosse mais governada por um governo puramente portuguez, sem a infame dependencia que tem entre nós apagado as virtudes austeras de nossos Maiores, e reduzido estas bellas provincias da extremidade da Europa a uma aviltaçaõ vergonhosa.*

Este prezo foi desde logo condemnado a morrer sacrificado a paixões infames d' estupidos inimigos, e impotentes em um governo de Lei; naõ sendo accusado por mais do que por suas opiniões, houve receio que a Authoridade competente o puzesse em sua liberdade, por falta de culpa; mas como era necessario que morresse, e se gastasse algum tempo em buscar um pretexto que pudesse cohonestar o barbaro delicto, passáraõ ordem ao Carcereiro para que o naõ soltasse, fosse qualquer que fosse a Authoridade que désse a ordem; desde entaõ até o Juiz tremeo. Agora dizei-me, barbaros, onde está

o vosso Direito das gentes? onde está essa Constituiçaõ com que vós quereis encobrir os vossos crimes? Vós tirasteis á Authoridade competente o poder de sentencear-me « por virtude da lei anterior, e na fórma por ella prescrita. » Estupidos! se tivesseis algum criterio' ao menos naõ cahirieis em taes contradicções, que vos daõ a conhecer em toda a extensaõ de vossa perversidade.

Conduzidos novamente á Relaçaõ, sem sabermos o motivo, e lá demorados por mais dez dias, ouvimos dizer segunda vez que o Governo receava muito dos prezos da mesma Relaçaõ, e que a respeito dos que estavaõ retidos por opiniões politicas havia vistas de sacrificio novo, mas de grave transcendencia politica. Era no dia 30 de Junho que taes vozes se divulgavaõ. Tinha chegado pela Gazetas de Lisboa a noticia de que ali tinhaõ sido justiçados os monstros que adiante de Condeixa haviaõ horrendamente assassinado seus Mestres e o virtuso Deaõ da Sé de Coimbra, os quaes hiaõ a Lisboa congratular-se com o nosso Monarca pela sua restituiçaõ aos braços de Seus fieis vassallos. Como por força se queriaõ victimas, tirou-se d'aquella execuçaõ o pretexto para as fazerem. O barbaro Ministro, ha pouco indicado, açulado pelas Lojas maçonicas, por quem aquelles facinorosos tinhaõ sido instigados áquelle crime horrivel, tido na natureza humana por um impossivel moral, apresentou-se no Governo, e propoz = que aquella sentença tinha feito nos espiritos uma grande impressaõ; que ella dava uma idéa de firmeza e de vigor no Governo de Lisboa; que o povo podia assim descer da sua actividade, temendo que tal firmeza e tal vigor pudessem triunfar: que além disso os Estudantes tinhaõ soffrido aquella pena taõ brevemente, por se suspeitar que o seu crime estava ligado e tinha relaçaõ com a rebelliaõ do Porto; que era por tanto necessario fazer ver ao povo que, se o Monarca era fir-

me e vigoroso em Lisboa, tambem no Porto o eraõ; que naõ receavaõ nada; que tinhaõ força fisica e moral bastante. = Além disto, propoz = que era necessario erigir os animos por um spectaculo igual, e comprometter o povo pela sua approvaçaõ em sustentar a causa da rebelliaõ, e leval-lo assim a defender-se obstinadamente no caso de necessidade. = Ao ouvir taes proposições, alguns applaudíraõ, talvez por terem conjunctamente nas cavernas maçonicas approvado o tremendo aresto; outros caláraõ-se, mas naõ se atrevêraõ a oppor-se, porque era necessario ser tyranno para naõ ser condemnado por falta de patriotismo. Fallou entaõ o Ministro em enforcar ou fuzilar os prezos que havia de opiniões politicas; com isto tremêraõ alguns, e propozeraõ: que a cidade naõ devia pôr-se em alarme com tal acontecimento; que esta medida tomada na mesma cidade podia pôr em desesperaçaõ os amigos do Monarca, e assim obrigar todos a defenderem-se com grande coragem; que naõ se podiaõ dispensar tropas para aquelle acto, porque eraõ necessarias na frente, e finalmente que naõ havia processos feitos, e que acabada a contenda, isto poderia parecer odioso, quando os espiritos tivessem entrado na reflexaõ. = Que importa, respondeo o Ministro, apoiado pelos Secretarios do Governo, que importa que pareça odioso ao depois? Alcance-se o fim, e naõ nos importem os meios; o fim he a segurança da Patria, e pela Patria arrisca-se tudo; se nos mostramos fracos, naõ esperem que o povo nos defenda; he necessario sangue, e se naõ o ha culpado, corra o mesmo sangue innocente; quanto mais, os que estaõ prezos por opiniões politicas podem ser mortos sem encargo de consciencia; e se naõ querem que sejaõ todos, escolhaõ-se alguns dos mais infestos á nossa santa causa, e sejaõ esses sacrificados para satisfaçaõ do publico offendido pela Sentença executada em Lisboa, e para terror

e emenda dos que pertenderem tentar contra a causa justa que advogamos. = (*)

Muitos prezos fomos informados do que se passára em taõ barbara sessaõ a nosso respeito; naõ o quizemos crer, e respondemos que nos diziaõ isto para nos aterrar: mas o successo justificou as informações que nos davaõ, para nos dispôr ao supplicio, cuja fórma tratavaõ ainda d'occultar-nos.

No dia 1.° depois do meio dia saõ os prezos por opiniões politicas chamados a uma sala da Relaçaõ, sem se saber para que; aquelle terrivel Ministro, acompanhado do da Policia, e seus dous Ajudantes, e competente Escrivaõ, tendo a ante-sala coberta de gargalheiras e algemas, com hum gesto criminoso proferio esta Sentença = A Junta do Governo Provisorio, instalada para manter os direitos do Sr. D. *Pedro* e suas instituições (*) spontaneamente outorgadas, em attençaõ aos crimes que tem commettido os prezos destas Cadêas, aproveitando-se das occasiões mais desfavoraveis ao mesmo Governo, tem authorisado ao Sñr. Intendente da Policia para tirar por sorte 80 d'entre os prezos, e mettellos a bordo de huma Embarcaçaõ, para os conduzir ao Rio de Janeiro com escala pela Ilha da Madeira. = Bem sabiaõ os tyrannos que a barra estava bloqueada, e que a sahida era impossivel; mas esta sentença era necessaria para dispor o povo a ouvir

---

(*) Olhem que patria a destes bons homens e que santa causa!!! a patria eraõ tres leguas d'estrada nua daqui até Grijó; a causa era a pilhagem e o assassinio; perderaõ a patria e a causa, e Portugal foi livre.

(*) Estes sujeitos confundem a vontade do Sr. D. *Pedro* com a vontade do Medico *Abrantes* e outros intrigantes, que temendo a vinda do Monarca queriaõ ter um escudo maçonico para aparar os golpes que seus crimes lhes chamavaõ sobre si ..... Miseraveis! naõ era melhor pedir ao Soberano o perdaõ de vossas culpas do que conspirar sempre contra Elle, só porque com huma razaõ sublime penetrava nos vossos delictos?..

com approvaçaõ a segunda, que devia entregar á morte os nove vassallos fieis sacrificados á politica negra, e á raiva com que tinhaõ lido o justo castigo de seus infames companheiros. No Navio, que era grande e que estava em boa posiçaõ, julgavaõ elles que podiaõ sem susto proferir a segunda sentença, e executalla sem receio.

Todos ficáraõ assustados, muito principalmente vendo aquelle apparato de ferros, e sabendo que o povo se vinha ajuntando em grandes grupos á porta geral da prizaõ, que entaõ estava guarnecida de povo armado, e de Estudantes Voluntarios, miseravelmente illudidos, mas com grande vontade de verem vingadas as penas de morte que a mais justa Lei tinha imposto sobre seus infames sequazes. Voltando aos nossos quartos, e tendo deixado o cruel Ministro e seus satellites, cada hum de nós dizia: eu naõ tenho crimes! isto naõ póde ser assim! Um dizia mais: eu naõ tenho processo, e até nem perguntas se me fizeraõ! Todos clamavamos: nós naõ estavamos pronunciados, quanto mais sentenciados! valha-nos Deos! querem que morramos! quem expiará tantos crimes que esta gente commette contra nós!!! Como o Ministro dizia que naõ sabia em quem cahiria a sorte, assentamos que eramos tirados por sorte; porém, reflectindo que elle fallára ao mesmo tempo em que iriaõ os mais compromettidos, assentamos que a escolha era arbitraria, e que seriaõ mandados ao supplicio os que mais receio causavaõ á facçaõ monstruosa, ou que mais necessarios fossem para satisfazer as sanguinolentas paixões de cada hum dos seus perversos cumplices.

Naõ era uma hora passada quando começamos a ser avisados pelos quartos para partirmos; de nada nos pudemos provêr; prohibio-se-nos o fallar por ultima vez a nossos parentes; tudo era consternaçaõ. Era ordem que se fizessem morrer tantos quantos eraõ os que foraõ em Lisboa justiçados á face

das mais justas Leis; escolhêraõ nove, porém por causa do barulho sómente avisáraõ oito para partir; o Juiz de Fóra d'Aveiro era a victima que por descuido lhes escapava. Todos os prezos por accusações politicas que ficavaõ na Relaçaõ choravaõ a nossa desgraça; mas nem chorar era permittido, porque logo se era notado de parcialidade, e desapprovaçaõ aos actos dos tyrannos. um Advogado desta cidade, o Doutor *Abranches*, que tinha muitos dias gemido em rigoroso segredo, esteve para ter a nossa sorte, sómente porque o ferino Escrivaõ da Policia o via despedir-se de nós enternecido e consternado; porém os malvados julgavaõ o numero preenchido, e era isto só o que lhe dava melhor sorte. Todos os escolhidos eramos os que tinhaõ sido mandados para o Castello da Foz, exceptuando dous. Descemos as escadas de cima, e achamos o barbaro Ministro rodeado de sequazes, e sentado em uma cadeira fingindo alma serena, mas calando dentro do perfido coraçaõ a sedenta paixaõ de beber o nosso sangue. Entaõ soubemos que eraõ os Estudantes Voluntarios os que nos deviaõ conduzir e guardar até sermos immolados, por terem sidos os justiçados em Lisboa o pretexto do spectaculo. (*)

Deo-se ordem que fossemos postos na frente de 71 criminosos que neste momento estavaõ prezos com gargalheiras, e já sentenceados na maior parte a diversas penas; tinhaõ tido antes o cuidado de dizer ao povo que estes criminosos eraõ guerrilhas, que tinhaõ sido aprehendidos; os mesmos Estudantes estavaõ a este respeito illudidos; porém esta illusaõ era proveitosa aos monstros da facçaõ, por se mostra-

(*) Reparem como estes jurisconsultos classificaõ os crimes; lá para elles ser fiel ao melhor dos Reis he o mesmo que tirar os olhos a seus Mestres, dar-lhes aos doze e quinze tiros nos rostos, e apunhalallos a todos ainda por cima, e roubal-los a final! que bom Codigo naõ fariaõ estes amigos para hum bando de salteadores!! ..

rem triunfantes com tanta gente de guerra em um momento de crise que lhes ameaçava imminente ruina. Além disto, por isso que os prezos politicos naõ eraõ notados por criminosos entre o povo, assentáraõ de fazer reflectir sobre elles o odioso que o mesmo povo tinha concebido a respeito das guerrilhas, que sendo compostas de outra gente naõ davaõ quartel aos facciosos que tinhaõ ousado levantar a voz da rebelliaõ contra o seu Monarca. Tinha-se mesmo receio sem esta speculaçaõ que o povo naõ approvasse um spectaculo em que era incluido um Medico conhecido de toda a cidade, que tinha plantado nella o pio estabelecimento da Escola R. de Cirurgia, e a quem estavaõ ligados por gratidaõ centenares de pessoas, em cujas enfermidades tinha prestado soccorros, e a muitas das quaes tinha conservado a vida, que teriaõ perdido sem a sua presença nesta cidade.

Com effeito, o receio era bem fundado; porque, constando que tal prezo com taes companheiros eraõ destinados a morrer, e que os chamados guerrilhas eraõ facinorosos, que depois de concluido o sacrificio deviaõ voltar á Relaçaõ, ninguem ousava levantar para elles os olhos, senaõ com piedade; tudo tinha emmudecido. Em lugar de sermos conduzidos directamente ao nosso destino, fomos trazidos assim pelas ruas da cidade diante dos criminosos, acompanhados sempre pelo barbaro Escrivaõ, que disse mais de uma vez ao Commandante da guarda que tinha ordem do Governo para indicar as ruas por onde deviamos atravessar, a fim de dar-se satisfaçaõ ao publico da cidade. No nosso transito nenhum insulto tivemos do povo, que tendo conhecido o manejo, parecia de lucto; todos olhavaõ, mas ninguem approvava a negra politica dos malvados; os seus decretos já pareciaõ ao povo absorto mais resoluções de salteadores que pilhaõ o innocente passageiro e o conduzem á caverna da morte, do que

medidas saudaveis para a salvaçaõ da Patria: esta gente naõ tem processo, dizia um, e daqui a pouco seremos nós tambem sacrificados, se naõ favorecermos em tudo as paixões dos nossos regeneradores; (*) elles mesmos, dizia outro, á vista disto haõ de degolar-se uns aos outros, se isto dura por muito tempo! Muitos a quem o crime de rebelliaõ naõ tinha embriagado e endurecido, choravaõ a nossa sorte, e já naõ escondiaõ as suas lagrimas.

Embarcamos para irmos para hum Navio; dentro dos barcos naõ houve qualidade alguma de insulto que naõ nos fizessem os guardas: oh! diziaõ uns, vossês ainda ahi vaõ, e os pobres Estudantes já foraõ enforcados.! Matem-se já, dizia outro, e naõ tenhamos com elles mais trabalho! Cuidamos que a mortandade começava, quando um engatilhou a arma para um dos Padres nosso companheiro; o Padre supplicou com as maõs postas, e por entaõ só levou alguns pontapés, e algumas coronhadas d'armas, que lhe fizeraõ saltar o sangue pela boca; ainda naõ he nada, clamáraõ todos! Ao mesmo tempo choviaõ insultantes expressões contra a Religiaõ Santa de nossos Pais, contra a Sagrada Pessoa do Monarca, contra toda a Familia Real, e contra todos os Portuguezes que pugnavaõ pela causa de Deos e da Lei.

Já subiamos dos barcos para o Navio; alguns por desfallecidos naõ podiaõ segurar-se; os guardas (que barbaridade!!!) ajudavaõ-os entaõ debaixo com as pontas das baionetas que lhes fincavaõ contra o assento e contra as pernas: eis-ahi o colchaõ para te apoiares, diziaõ elles; he duro, mas tem paciencia. O Padre em quem tinhaõ dado as coronhadas, com o pretexto de naõ subir de pressa, foi agarrado pelo

(*) Saõ estes os que nos inculcaõ as virtudes dos Sparciatas, Athenienses, e Romanos, mas que em premio nos roubaõ e nos assassinaõ.

pescoço, atirado de rojo, e arrastado depois pelo convés do Navio de popa á proa, com grandes applausos e gritarias. Almas humanas e sensiveis, que lêrdes este fiel relatorio d'atrócidades, naõ vos enfadeis; agora vereis se selvagens seriaõ capazes de tratar-nos com mais crueldade.

Lançáraõ-nos sem distincçaõ no poraõ do Navio, e alguns foraõ atirados para baixo, como quem atira fardos de fazendas; pouco caso já faziamos da vida; misturados com os facinorosos, eramos distinctos só com as injurias e com os tormentos; eraõ cinco horas da tarde; fazia grande calor; fecháraõ-nos a escotilha do Navio com huma forte grade, com grandes tranquetas de ferro; os espaços da grade eraõ pequenissimos, e o ar naõ entrava; eraõ 80 homens a respirar por huma fresta; todos s'inquietaõ, mas os barbaros que nos guardavaõ ameaçaõ-nos logo de nos afogar com cal virgem, da qual tinhaõ trazido um barco cheio para o Navio; supplicamos para cima que nos dessem ár, porém ninguem se condoía de nós.

Assim ficamos, sem ar, sem alimento, e sem luz. No dia seguinte consentíraõ-nos algum alimento por as dez horas; e a Misericordia mandou aos criminosos uma tigella do caldo para cada homem. Foi entaõ que recebemos alguns baldes d'agoa para saciarmos a sede, que era insupportavel; o ár tornava-se cada vez mais irrespiravel; estava quasi consumida a sua parte vital; alguns já se queixavaõ doentes, e supplicavaõ a morte: mas tudo era baldado, porque todos eraõ surdos ás nossas supplicas; apenas nos diziaõ que no dia seguinte seriamos aliviados, dando-nos assim a entender que a morte poria entaõ um termo aos nossos males.

A noite do dia 2 para o dia 3 foi passada na maior consternaçaõ; o producto das excreções tinha

tornado o ar quasi pestilente; todos se apinhavaõ debaixo das frestas da escotilha para respirar, e alguns subiaõ a um travessaõ do navio, para em pé sobre elle poderem pôr a boca na fresta, e respirar ár puro; desciaõ uns e subiaõ outros, e assim faziamos por conservar momentos de vida.

Por as 4 horas da manhã do dia 3 pareceonos que a guarda se tinha ausentado; era verdade; mas, visto que naõ lhes davamos o prazer de nos matar de outra fórma, deixáraõ-nos as amarras picadas, para darmos á costa entre os penedos. Deixáraõ tres pretos a ter conta em nós, com ordem para se naõ communicarem comnosco, e para fugirem quando o navio batesse ou estivesse proximo a isso. Hum dos pretos condoeo-se de nós, disse-nos de cima que era Christaõ, e que naõ consentiria que morressemos; que na cidade ainda estava a tropa rebelde; e que, se naõ receasse que o matassem, nos abriria a prizaõ. A Providencia tinha permittido que a maré enchesse, e o Navio pouco tinha andado. A este tempo ouvimos uma voz consoladora, que dizia: barbaridade! isto naõ saõ caẽs nem porcos, para se matarem desta fórma! nós somos Christaõs!.. Era um barqueiro que subio ao Navio, e que nos disse o estado em que nos achavamos, e que as tropas leaes estavaõ a chegar, mas que os rebeldes ainda se achavaõ na cidade. Pedi-lhe que me levasse uma carta ao Commandante de um Brigue inglez; naõ quiz, porque teve susto da volta dos rebeldes; mas deo parte ao Commandante do Brigue de que o Navio estava cheio de gente, e que estava sem amarras: o Commandante mandou gente para nos segurar o Navio, e logo chegou hum Official, a quem fiz vêr a nossa misera posiçaõ; compadeceo-se de nós, mandou-nos dar agoa, e levou com pressa a carta ao seu Commandante. O theor da carta, que hia escrita em francez, era o seguinte:

« Meu caro Commandante do brigue de S. M. B.
» — Muitos dos que aqui nos achamos, somos pes-
» soas de bem; fomos aqui mettidos por opiniões po-
» liticas. Dizem-nos que estamos abandonados á
» maré para morrermos; nós estamos sem alimen-
» to, naõ temos ar que possamos respirar. Nós sup-
» plicamos á generosidade e piedade da Naçaõ in-
» gleza que nos valha por meio de vossa pessoa. —
» 3 de Julho. »

O Commandante ou outro Official partio logo, tendo lido a carta; chegou e fallou comigo compadecido, exclamando contra a barbaridade e tyrannia inaudita com que eramos tratados. Avizou-me de estarem já as tropas leaes em Villa-Nova, e de estarem os facciosos retirando da cidade; partio, tendo-nos dito que nos mandava promptamente soccorrer. Mandou hum serrote, hum martello, e hum grande pé de cabra; os marinheiros metteraõ estes instrumentos pelas frestas, e foraõ-se. Os criminosos quebráraõ suas cadêas, e tratavaõ com os instrumentos d'abrir a escotilha; mas era impossivel, porque as tranquetas eraõ muito fortes, e porque os infelizes estavaõ todos desfallecidos por falta d'ar e de alimento. Chegaõ neste momento os Batedores do Exercito restaurador, dando vivas ao Senhor D. *MIGUEL*; procuraõ por o navio em que estavaõ os prezos; chegaõ, e abrem a prizaõ; sahíraõ os que estavaõ por opiniões, tendo conseguido aquietar os criminosos, e tendo-lhes promettido fallar ao General para os soccorrer; foi porém impossivel contellos; todos sahíraõ, mas socegados, sem que offendessem ninguem: quatro destes desgraçados mal puderaõ subir, porque estavaõ meios mortos, e atiráraõ seus corpos sobre o convés da Embarcaçaõ, sem fazerem já caso algum da vida.

Chegados á terra ainda nos parecia que viamos os nossos algozes; o susto nos parecia ainda affigu-

rar em cada homem a imagem de cada um dos nossos perseguidores; mas já naõ haviaõ senaõ os vestigios da tyrannia. Tudo era taciturno, porque todos ainda na cidade receavaõ que os malvados resistissem ás tropas leaes; ellas estavaõ já postadas em Villa-nova, e pela sua disciplina annunciavaõ a sua intrepidez; os Batalhões leaes pareciaõ corpos immoveis; a sua firmeza era boa medida da sua coragem; corpos de Cavalleria, ao mesmo passo que pela sua bellica perspectiva annunciavaõ a morte, davaõ toda a protecçaõ aos habitantes fugitivos: elles illudidos tinhaõ ousado duvidar da obediencia que deviaõ ao seu legitimo Rei, ao seu sabio e virtuoso Protector; mas as tropas leaes desenganadas cobriaõ-os com as espadas destinadas a cortar sómente os rebeldes obstinados. A ponte do Douro estava a este tempo destruida por ordem dos deshumanos chefes da rebelliaõ; os malvados pertendiaõ assim ganhar tempo para s'escaparem.

Com effeito os cobardes fugiaõ cheios de susto e terror, porque hum Decreto Real lhes tinha annunciado o poder e o vigor da Lei que os condemnava; já a idéa de resistencia era para elles a mais penosa idéa; espavoridos e amedrentados desamparavaõ a cidade, envergonhados da triste figura que tinhaõ feito. Tinhaõ-se investido com o caracter Real, e já reduzidos ao que eraõ d'antes previaõ o ar ridiculo e comico com que seriaõ olhados.

Entretanto passavaõ em barcos os valentes que traziaõ a paz e a tranquillidade; a ninguem faziaõ mal; as armas naõ fizeraõ differença entre innocente e culpado, porque todos protegêraõ; ellas sustentavaõ hum Rei que sabe empregar a força de um Exercito contra rebeldes renitentes, mas que só castiga com a Lei, e que estende braços de piedade aos illudidos que inermes supplicaõ a Sua misericordia. Era Ordem Real que as tropas poupassem o

sangue de quem socegado mostrasse obediencia ; a força armada obedecendo á Lei imposta confundia assim a maldade dos que haviaõ cooperado para a rebelliaõ; fallou o poder da Lei entre as Armas; ainda por esta vez as virtudes sublimes que fazem o ornato do piedoso Monarca valêraõ a uma cidade *aonde o radicalismo estrangeiro vem ordinariamente apoiar a alavanca politica, quando quer mover o Continente da Europa para o lado do seu interesse.* (GRANDE DEDIMUS DOCUMENTUM PATIENTIÆ ! . . .)

As tropas leaes restabelecêraõ entaõ as Authoridades ; nós ficamos desde logo ao abrigo das Leis; o medo das vexações, do roubo, do peculato, e do assassinio, cessou desde entaõ; mas tudo ficou abalado e exhaurido. Os cofres publicos haviaõ sido roubados e saqueados, sem que a final fosse permittido perguntar quem ordenava tantas maldades; tudo se fazia por ordem da Junta, porque todos julgavaõ a Junta capaz de tudo ; nem o cofre do Deposito publico escapou ! ! ! respeitáraõ-o soldados francezes quando por assalto tomáraõ esta cidade, que lhes era permittido saquear pelas Leis da guerra; mas pilháraõ-o Portuguezes que perdidos no mundo naõ recêaõ a maldiçaõ da sua Patria. Monstros ! ! ide fugitivos e vagabundos mostrar-vos por esse mundo com essas faces criminosas e condemnadas ; o desprezo com que sereis tratados por toda a parte basta para justa paga dos vossos delictos.

Portuguezes, que ouvisteis a linguagem da rebelliaõ e do crime contra o vosso Soberano, comparai este fiel relatorio de maldades com os principios de Justiça que dimanaõ das nossas Leis, e vêde qual seria em pouco tempo a vossa sorte.